

A história de algo de terrível
que aconteceu entre um homem decente
e o filho que ele amava

Richie: Meu Filho, Meu Inimigo

THOMAS THOMPSON

HÁ 18 ANOS — no dia 6 de junho de 1954 — nasceu o primeiro filho, um menino, de George Edward Diener e sua mulher, Carol Ring, de solteira. George e Carol tinham sido namorados de infância, em Brooklyn, Nova York.

Carol era pequenina, ruiva e voluntariosa, como os seus antepassados escoceses e ingleses; George era um tipo musculoso, sólido, de cabelo castanho ondulado e uma bandeira americana tatuada no seu forte braço esquerdo.

O filho recebeu o nome de George, como o pai, mas, para os distinguir, o menino não tardou a ser conhecido por Richard, que era o seu segundo nome, e logo por Richie. Era um belo bebê, com um choro sonoro e cabelo ruivo e brilhante. George Diener adorava-o.

Quando Richie tinha dois anos, George tornou-se vendedor de uma companhia de produtos alimentícios e o casal comprou uma casa em East Meadow, num bairro a leste da cidade, que era então o exemplo perfeito de uma zona residencial em franco desenvolvimento. Seus vizinhos eram gente jovem, laboriosa e, na sua maioria — como os Diener — politicamente conservadora.

Relâmpago em Noite de Lua. Richie tornou-se um garotinho bochechudo, que detestava quando as meninas lhe chamavam «Gorducho». Gostava dos seus bichos — um terrier chamado Boots, uma doninha, um coelho, um corvo, cricetos. Nem quando já perdera a gordura da infância e se transformara num rapaz bem constituído, de 1,73 m de altura e 65 quilos, com pernas fortes e peito mus-

culoso, demonstrou qualquer interesse por esportes. George encorajou-o a tentar luta livre; Carol sugeriu-lhe basebol e futebol. «Recusava sempre», recorda a mãe. «Era tão inseguro! Disse-me que, se entrasse num time e cometesse um erro que levasse os seus companheiros à derrota, morreria de vergonha.»

No entanto, durante os primeiros 15 anos da sua vida, Richie foi um rapaz satisfatório, comum, parte integrante da organizada vida de George. O pai percebia a insegurança do filho, mas qual era o garoto de 15 anos que não era inseguro? Encorajava o grande interesse de Richie pelos animais, tolerava os seus períodos de mau humor, os seus silêncios, as suas notas medíocres, os seus ocasionais regressos depois da meia-noite, aos sábados, desobedecendo ordens.

Quando surgiram os primeiros problemas reais, no verão de 1970, foram tão surpreendentes e assustadores como um relâmpago em noite de lua. Richie já estivera ausente duas vezes em acampamentos de verão, mas agora — no terceiro — Carol recebeu um telefonema interurbano: Richie tornara-se um elemento perturbador e agressivo e fora apanhado fumando maconha. O pai poderia ir buscá-lo?

Durante a longa viagem de volta do acampamento, George interrogou o filho. Richie disse que era só «a primeira ou a segunda vez» que experimentava maconha, e prometeu nunca mais fumar.

No ano seguinte, quando frequentava o terceiro ginásio, as suas notas caíram. Reuniu os livros de quadros de animais que decoravam o seu quarto e guardou-os no armário. «Isto é o que meu filho era», disse o pai a uma visita, apontando os livros esquecidos. «E isto é o que ele é agora.» Abarcou o quarto com um gesto, o rosto exprimindo incompreensão e espanto.

Richie transformara o quarto num antro de contracultura. A luz negra envolvia num brilho fantasmagórico retratos de astros de rock e, quando estava deitado, Richie tinha à sua frente gravuras bizarras e assustadoras: demônios grotescos, criaturas de olhos saltados, cabelos eriçados por tempestades magnéticas, mãos de répteis. Uma dessas criaturas estava sentada numa banheira cheia de sangue, empunhando uma adaga.

Qualquer Outra Coisa. Um dia, Carol encontrou no quarto do filho um saco de papel cheio de maconha e jogou-o fora. O garoto admitiu abertamente que era seu. Carol tentou discutir calmamente o assunto com ele: se ele achava errado que ela fumasse cigarros, por que fumava maconha?

«Porque os outros rapazes fumam», dizia ele, ou «porque eu quero». Ou, timidamente, quase num murmúrio: «Porque me ajuda com as garotas.»

Quando Richie fez 17 anos, as mudanças vieram mais rápidas. Carol e George descobriram que

o filho se tornara grande consumidor de maconha e haxixe — e coisas piores, embora só mais tarde o viessem a saber. Nos fins-de-semana ficava fora de casa até às duas da manhã, duas horas a mais que o permitido. Proibiu os pais de entrarem no seu quarto e, se entravam, havia brigas tremendas. Raramente jantava com eles. «Não estou com fome», dizia; mas Carol via-lhe os esgazeados olhos vermelhos e ouvia-o atropelar as palavras — palavras de um novo calão que jorravam da boca do jovem que durante tanto tempo fora tão calado.

Em novembro de 1971, Carol recebeu um telefonema do vice-diretor da escola do filho: Richie estava doente. Podia ir buscá-lo?

Quando Carol chegou, Richie estava «muito falador», como contaria ao marido, nessa noite. «Tinha os olhos vermelhos e pesados. Estava agressivo. Xingava todo o mundo.»

Nessa manhã, Carol falou em particular com a enfermeira. «Richie contou-me que tomou uns comprimidos», disse a enfermeira. «Mas afirmava que fora o médico que os receitara.» A voz da mulher denunciava ceticismo. «A senhora acha que foi alguma outra coisa?» perguntou Carol. A enfermeira acenou afirmativamente.

«Alguma outra coisa» era Seconal. Trata-se de um poderoso barbitúrico, um sedativo usado como sonífero. Em fins da década de 1960, os garotos americanos des-

cobriram que o Seconal produz uma sensação rápida e curiosa, uma hora de letargia cheia de sonhos. Sendo um sedativo que interfere com as transmissões do sistema nervoso central, é capaz de afetar as funções cerebrais a ponto de provocar um comportamento estranho.

No outono de 1971, Richie começou a tomar Seconal em grandes doses. Disse a uma garota que tinha um frasco de 100 comprimidos, que tinha vontade de vendê-los, mas que talvez os guardasse para seu uso. «Por que você não pára de tomar drogas?» perguntou-lhe a jovem. «Deixo quando quiser», respondeu Richie. «Mas agora não quero parar.»

«Onde Foi Que Errei?» Pelo Natal, a ruptura entre George e o filho era completa. Cruzavam-se pela casa sem se falarem. Às vezes explodiam e berravam um com o outro.

Tarde da noite, deitados e insones, George e Carol procuravam na sua vida razões para o que sucedia. Carol afirmava ao marido que a culpa não era dele. «Onde foi que errei?» perguntava-se George, a quem os murmúrios da mulher não convenciam. Construía sua vida de tal modo que sabia exatamente quem era, no que acreditava e qual o seu lugar. Não compreendia, não podia compreender que o filho não tivesse ambição alguma, que ficasse deitado no quarto ouvindo música barulhenta com letras confusas, que cobrisse

o rosto juvenil com uma hirsuta barbicha ruiva, umas costeletas compridas e desgrenhadas e deixasse crescer o cabelo como se tivesse sido apanhado por um furacão.

Perto do fim de 1971, certo dia Richie chegou a casa drogado, com os olhos injetados e a fala rápida, mas confusa. George explodiu: «Fiz tudo quanto podia e sabia. Tentei chamá-lo à razão, proibi que andasse com os garotos que tomam drogas, pedi que ficasse em casa, chorei, disse que amava você, disse que arranjaría maneira de ajudá-lo. Sua mãe e eu já não temos como falar com você. Você agora fica em casa nas noites de sexta-feira e de sábado, nem que eu tenha de trancá-lo no quarto.»

Richie fez uma contraproposta: «Prometo que paro com as drogas... prometo mesmo... se você me deixar sair para beber com a turma nos fins-de-semana.»

George respondeu, sem hesitar: «Por muito que deseje que você largue as drogas, não posso fazer um acordo desses. Nenhum pai pode dar a um garoto de 17 anos autorização para beber.» Richie saiu correndo de casa e desapareceu.

Regressou às duas ou três da manhã, drogado. Suas pancadas na porta acordaram os pais, e, quando eles foram abrir, desatou a gritar. Gritava como os filhos o fazem, com tanta frequência: «Vocês não gostam de mim! Não me compreendem!»

«Claro que gostamos de você», afirmou Carol docemente.

«Nunca me quiseram», prosseguiu Richie, cada vez mais furioso. «A única razão por que estou aqui é que uma noite vocês resolveram se divertir! Não pedi para nascer!»

George não se conteve. Atingiu-o na boca e o sangue jorrou. Richie limpou-o da boca e atirou-o à parede. Exaustos, foram todos dormir.

Choque e Crise. Num domingo, 27 de fevereiro, Richie pegou o carro da mãe e foi com um amigo a um restaurante local. Ao dar marcha à ré, bateu noutro carro. Os estragos foram insignificantes, mas o dono do outro carro telefonou a George e a Carol. Informados de que o filho não estava ferido, aguardaram o seu regresso a casa, e que se explicasse. Mas Richie tomara alguns comprimidos de Seconal. Saiu a 100 quilômetros por hora numa tranquila rua residencial. De repente, um pneu rebentou, e o carro atravessou-se na rua. Foi bater numa camioneta, entrou por um jardim e derrubou uma cerca. Não houve vítimas, mas o carro ficou destruído.

George foi chamado ao local do acidente. Ele disse ao filho que discutiriam o assunto mais tarde. Richie foi para casa; George ficou para discutir questões de seguro com a Polícia.

Às quatro horas da tarde, George e Carol sentaram-se com o filho para conversarem sobre o acidente. Richie não parecia nada arrependido. «Você não parece lamentar o que

aconteceu», disse Carol. Depois, dura: «Não vê que você acabou com o meu carro? Além disso, podia ter matado alguém, podia ter morrido!»

Richie levantou a cabeça e comentou: «Talvez fosse até bom.»

George permanecia em silêncio, mas abanava a cabeça tristemente. Ao vê-lo, o rapaz berrou: «Isso mesmo, fique aí abanando essa sua porcaria de cabeça!»

Desejando evitar outra cena, George levantou-se e deixou-os. Foi para a sua oficina no porão e começou a organizar o seu mostruário, separando embalagens rasgadas e as devoluções.

Richie foi para o quarto, ligou o toca-fitas e fechou a porta. Apareceu meia hora depois. Ao vê-lo, a mãe abafou uma exclamação de espanto. O garoto cambaleava e tinha os olhos transformados em duas fendas vermelhas. «Que foi que você tomou, meu Deus?» Confessou que tomara quatro comprimidos de Seconal.

Sem fazer caso dela, Richie marcou pelo telefone um encontro com um amigo, para as seis e meia. «Você não está em condições de ir seja aonde for!» protestou Carol. Richie virou-lhe as costas, mas de repente desabou numa cadeira, e daí para o chão.

Os dois ruídos — da queda do rapaz e da cadeira — fizeram George subir correndo. Richie já se levantara. Viu o pai chegar. Aos gritos, perguntou: «Você disse à Polícia que eu tomo drogas?»

George não queria falar com o garoto naquele estado. Virou-se e foi saindo. Richie correu atrás dele. «Responda-me! Fiz uma pergunta», gritou, esganiçado, «e quero uma resposta!»

O rosto do filho estava tão congestionado e o seu corpo tremia tanto de raiva que George achou que ele e a mulher corriam perigo físico, o tipo de perigo que não se podia enfrentar com autoridade paterna, nem sequer com os punhos. Aquela era a última cena de um longo e doloroso drama, e toda a lógica, todo o bom senso, tinham desaparecido.

«**Vamos, Use Isso!**» George foi ao quarto buscar o revólver calibre 38 que tinha escondido atrás da mesa-de-cabeceira. (Tinha licença de porte da arma, que usava no seu segundo emprego, como guarda de segurança, à noite.) Semanas antes, Carol pedira-lhe que escondesse o revólver, com medo de que Richie o utilizasse contra eles enquanto dormissem. George meteu-o no cinto e voltou para o porão.

Richie apareceu na escada e começou a descer, com passos inseguros. Viu um furador de gelo sobre uma bancada e pegou-o. Quando estava a uns cinco metros do pai, ergueu-o e gritou de novo: «Quero resposta! Responda-me!»

A resposta de George foi tirar o revólver do cinto e apontá-lo para o seu primogênito. Talvez isto o assustasse.

Richie abriu os braços, como

um crucificado. «Está de revólver. Vamos, use-o!» Avançou devagar para o pai. Quando estava a metro e meio de distância, com o furador a tremer-lhe na mão, George destravou a arma.

Richie baixou os braços, e o furador caiu ao chão. George deu um salto para a frente, agarrou o filho pelos ombros e, com o pé, afastou o furador para um canto. Carol, que aparecera nesse meio tempo, estava paralisada de medo. Richie soltou-se e correu pela escada acima, gritando: «Vou buscar a tesoural» Passou pela mãe, que gemeu: «Oh, meu Deus, que podemos fazer?»

«Não sei», respondeu-lhe o marido. «Talvez ele não volte.»

Enquanto esperavam no porão, ouviam o filho remexendo tudo na cozinha, por cima das suas cabeças. Puxou demais uma gaveta, e ela caiu ruidosamente, juntamente com tudo o que continha, lembrando granizo a bater num telhado de metal.

Pouco depois, o rapaz apareceu no alto da escada, empunhando um facão de carne. George colocou-se à frente da mulher e enfrentou o filho: A cada degrau que descia, Richie gritava: «Dispare! Use a sua arma!»

Desfecho. O dedo de George tremia no gatilho. Pela sua cabeça, de repente, passaram todas as frustrações da sua vida. O seu sêmen gerara um filho, mas o filho deixara de ser seu. O filho era uma criança-homem de barba, com uma faca

na mão, obscenidades nos lábios e drogas no cérebro.

O que Deus poupava Abraão de fazer a Isaac, o que os fabricantes de mitos e literatura quase nem podiam sequer imaginar, George Diener, finalmente, fez. Disparou.

A bala acertou em cheio no coração de Richie, que caiu para trás e ficou sentado na escada. Levou as mãos ao peito e viu o seu sangue. Ficou perplexo. Levantou-se e empunhou de novo a faca. O cabo estava molhado da vida que se escoava do seu peito.

Richie voltou a sentar-se e caiu para a frente, escada abaixo, até ao chão de cimento.

George agarrou Carol e levou-a pela escada acima, para a sala. Chamou a Polícia e uma ambulância.

Voltou para o porão. Richie estava imóvel. George apalpou-lhe a garganta, mas não encontrou qualquer pulsação. Lentamente, subiu a escada.

Ajoelhou-se ao lado da cadeira da mulher. «Está morto. Matei o nosso filho. Poderá jamais perdoar-me?»

E ficaram ali sentados, chorando, esperando a Polícia.

O CORPO de Richie foi levado num saco de lona. A autópsia revelou que os seus órgãos vitais continham seis vezes mais Siconal do que os médicos receitavam como dose terapêutica.

George foi preso, acusado de homicídio. Alegou legítima defesa

e o júri preliminar não o pronunciou. A Polícia quis saber por que, sendo ele excelente atirador, atirara para matar, em vez de apenas para ferir. «Só consegui pensar que, se o ferisse apenas, ele voltaria e nos mataria, a Carol e a mim. Fizera tantas ameaças!»

Na noite anterior ao funeral,

muitos dos amigos de Richie foram velá-lo. Ficaram espantados ao notar que a sua barba fora rapada, as suas costeletas aparadas e o seu cabelo muito bem cortado, para sempre.

Acharam ruim que o tivessem feito, mas George disse: «É assim que quero recordá-lo.»



Chimpanzés Campeões

Os PSICÓLOGOS da Base Aérea de Holloman, Novo México, encarregados de treinar 80 chimpanzés no reconhecimento de certos símbolos para fins de pesquisa espacial, estão ensinando a seus alunos jogos que incluem cores, formas e números. O chimpanzé Malvadão ganhou inclusive de um general da Força Aérea em visita, num jogo de quadrados e triângulos. Zsa Zsa é fantástica com números... quando está cercada de admiradores. Mas se o público se retira, o escore baixa rapidamente.

No princípio, usaram bolinhas de comida e choques ligeiros para treinar os chimpanzés, mas os psicólogos descobriram que a competição constitui forte motivador. Malvadão e Cara Pálida (chimpanzé pálido que, de viseira verde, não causaria espanto algum em Monte Carlo) foram colocados em cabinas de vidro adjacentes para jogarem uma versão eletrônica do jogo-da-velha. Eles perceberam que estavam competindo quase na mesma hora em que conseguiram marcar três em reta. Se um perdia muitas vezes, berrava e batia na vidraça onde estava seu adversário.

Quando Cara Pálida começou a ganhar todas as partidas, Malvadão não quis mais jogar. Cara Pálida então parou de jactar-se e perdeu de propósito algumas partidas para manter o interesse de Malvadão. Para quem servia a malandragem, uma fita registradora demonstra que Cara Pálida descobriu que bastava uma vitória em cinco para manter o otário no jogo.

Até aonde iriam suas características humanas? — indagavam os psicólogos. Um chimpanzé campeão como Cara Pálida jogaria o jogo só por jogar? Desligaram então o circuito de prêmios. O jogo continuou, as luzes piscaram, o perdedor fez careta, acendeu-se o sinal de «prêmio», mas não saiu banana alguma da abertura.

Cara Pálida bateu na máquina. Jogou outra vez. Concluiu que a máquina deixara de pagar. Parou de jogar.

Tornara-se profissional.

— *Sports Illustrated*